

Horizontes do Amor

Barbara Cartland



Órfã, morando no castelo dos tios, lady Ina se refugiou na pintura para amenizar sua solidão. Um dia percebeu que tinha estranhos poderes: quando desenhava, entrava em transe e pintava cenas do futuro! Uma noite, numa festa, Ina ficou conhecendo o marquês de Chale. Inspirada pela presença do fascinante nobre, pintou um quadro maravilhoso... ela de mãos dadas com o marquês! Isto, porém nunca poderia acontecer, porque Chale era amante de Lucy Wymonde, a perversa tia de lady Ina!

Coleção Barbara Cartland n.º 42

Título original: "THE HORIZONS OF LOVE"

Copyright: © CARTLAND PROMOTIONS 1980

Tradução: THEREZINHA MONTEIRO DEUTSCH

Copyright para a língua portuguesa: 1982 ABRIL S.A. CULTURAL E INDUSTRIAL — São Paulo

Composto na LINOART e impresso em oficinas próprias

CAPÍTULO I

1878

— Isso é absolutamente ridículo! — disse lady Wymonde com voz cortante. Ela se tornava mais adorável quando falava assim, se bem que o marido, lendo uma carta que tinha nas mãos, não reparasse nisso.

Lorde Wymonde, que estava chegando aos quarenta e cinco anos, começava a perder a linha esbelta da juventude. No entanto, continuava a ser um excelente cavaleiro e um reconhecido grande caçador.

— Não adianta discutir, Lucy — disse ele. — Ou levamos Ina a Chalé ou não vamos!

— Agora você está sendo absurdo — respondeu lady Wymonde, com raiva. — Como é que vou pedir a Alice que aceite uma menininha, uma estudentezinha, no tipo de festa que ela costuma dar em Chalé? Sabe o que quero dizer, a sua cansativa sobrinha ia se sentir muito deslocada.

— Apesar disso ela é minha sobrinha — disse lorde Wymonde —, e você tem que cuidar dela pelo resto da estação. É bom que providencie para que ela seja convidada para todos os bailes e festas.

— É insuportável ter que bancar a babá com trinta anos! Eu também quero dançar e não ficar procurando por uma garota sem jeito e nada atraente.

Ambos sabiam que ela já fizera trinta e seis anos, mas tradicionalmente as grandes belezas não têm idade e lady Wymonde sem dúvida era uma das mulheres mais lindas de Londres.

Na verdade, ela gostaria de dizer que tinha menos de trinta anos, mas seu filho Rupert já estava com doze, estudando em Eton e era impossível fazê-lo ficar mais novo.

Lorde Wymonde dobrou a carta e guardou-a no bolso.

— Como o correio atrasou a entrega da carta, uma das ineficiências dos franceses, eu acho — comentou ele —, Ina vai chegar amanhã.

— Amanhã?! — A voz de lady Wymonde subiu até se tornar um guincho.

Meio engasgada, ela continuou:

— E você espera que eu, que já não tenho tempo suficiente para mim mesma, vá buscá-la e a torne apresentável para ir a Chalé, na sexta-feira?

— Como já disse, podemos ficar em casa — respondeu lorde Wymonde. — Mas, com certeza, a anfitriã iria sentir muito a sua falta...

Havia uma nota de sarcasmo na voz dele. Lady Wymonde percebeu e engoliu as palavras irritadas que já lhe subiam aos lábios.

George era um marido muito complacente, fácil de se levar, mas ela sabia que não podia abusar muito, porque quando se tratava de orgulho familiar ele podia se tornar muito difícil.

Era por isso que ele estava teimando quanto à sobrinha. Lucy não podia imaginar nada mais enfurecedor, no momento em que estava envolvida no mais excitante e sensacional *affaire* que já tivera, do que ter de tomar conta de uma garota.

Não gostava de garotas. Nunca havia gostado. Não só porque elas tinham a única coisa que o dinheiro não pode comprar, a juventude, mas também porque se tornavam elementos inibidores em uma festa importante pelos toques sofisticados e pela imaginação.

Ela sabia muito bem o que queria dizer uma festa em Chalé, e essa ia ser dada quase que especialmente para ela, pois o marquês havia sido cuidadosamente incluído entre os demais convidados.

— Eu quero você em Chalé — dissera ele, quando estavam sentados no terraço, na noite do baile dado pelo embaixador da França.

Era sempre muito difícil eles conversarem sem ninguém por perto, e quando o marquês telefonara para Lucy numa das tardes em que George estava no clube, fora uma das poucas vezes em que tinham conseguido falar sem mais ninguém presente.

— Sabe o quanto quero conversar com você, sozinha... — ele dissera.

E ela sabia muito bem o que ele queria dizer com aquele "sozinha". Ele queria beijá-la e, o céu sabia, era o que Lucy queria e muito mais.

Lembrou-se da figura dele com a máxima clareza e pensou que jamais, em todos os seus anos de sucesso, encontrara homem tão atraente quanto o marquês de Chalé.

Em geral Lucy contentava-se apenas em ser admirada, elogiada, e sabia que os homens ficavam frustrados com sua indiferença, o que fazia com que a desejassem ainda mais.

— Você me deixa louco! É tão fria e cruel! — diziam eles, com ardor. — O que tenho que fazer para você me amar?

Muitas e muitas vezes Lucy ouvira isso e tantas vezes respondera:

— Tenho que tomar cuidado. George é muito ciumento.

Mas com o marquês tudo havia sido diferente. Para começar, ela é que o desejava primeiro.

A simples visão dele caminhando pelo salão de baile, tão esbelto e bonito, tão majestoso e ao mesmo tempo tão atento e simpático, fizera que ela se sentisse diferente do modo como se sentira antes, com outros homens.

Quando haviam dançado, ela percebera que ele estava um tanto interessado no aspecto dela, mas não tinha havido nada de especial no jeito como o marquês lhe enlaçara a cintura fina.

Lucy pudera perceber, enquanto volteavam pelo salão, dançando, que o coração dele não tinha acelerado as batidas, enquanto o dela palpitava de modo bastante desacostumado.

Havia levado dois meses até ele fazer a primeira investida e durante esse tempo ela quase perdera as esperanças.

Tentara envolvê-lo, induzi-lo, mas logo tivera a sensação de que ele conhecia profundamente as pequenas manobras com que ela capturara outros homens e via muito bem o que elas eram.

Afinal, quando Lucy já quase não esperava mais, ele a beijara, numa tarde em que estavam a sós, tomando chá, no Salão Drawing. Nessa ocasião acendera-se a chama entre os dois e dali por diante essa chama crescera e brilhara cada vez mais toda vez que se encontravam.

Para Lucy tinha sido uma revelação, pois os homens que a haviam achado fria tinham toda a razão em pensar assim.

Ela era uma mulher fria, interessada apenas em si e na própria beleza, jamais movendo um só dedo pelo sofrimento de alguém, a não ser o dela mesma.

Mas com o marquês era diferente. Angustiava-se por ele ser seis anos mais novo do que ela, examinava atentamente o rosto ao espelho procurando qualquer linha finíssima que pudesse se tornar uma ruga, qualquer grama a mais nas linhas bonitas de seu corpo, que deveria se tornar mais pesado com a meia-idade.

— Eu sou jovem! Eu sou jovem! — dizia Lucy a si mesma todas as manhãs.

Tinha a impressão de que podia, com força de vontade, fazer seu corpo ter a flexível esbeltez que tinha aos dezessete anos, quando ela saíra da escola para descobrir, com surpresa, que era bonita.

É claro, seu sucesso não aconteceu do dia para a noite. Tivera que esperar um ano depois de casada com George.

Havia sido como lady Wymonde que ela sacudira a sociedade como uma tempestade.

Aprendera a se vestir, aprendera a dizer coisas divertidas, espirituosas, em sua evidentemente educada e musical voz.

Bem depressa ela havia percebido que sendo bonita e parecendo fria atraía fortemente os homens que se determinavam, pelo conceito de virilidade que existe em todos eles, a derreter a Donzela de Gelo.

Todos tinham falhado e Lucy começara a acreditar que era, de fato, uma mulher diferente das outras, que admitiam, no segredo de suas alcovas, que o amor era a coisa que mais prezavam e desejavam.

— Eu detesto homens que querem pôr as mãos em mim e me apertar. Acho isso muitíssimo desagradável — disse Lucy para suas três mais íntimas amigas.

— Você está brincando! — exclamara uma delas.

— É verdade — insistira Lucy. — Quando sei que um homem está apaixonado por mim adoro ver o olhar desamparado dele, mas francamente, não desejo que me beije.

— Lucy, você não pode estar dizendo a verdade!

— Estou, sim.

— Então, você não é normal — dissera asperamente a mulher que era um pouco mais velha do que as outras.

Lucy não dera atenção àquilo. Sabia o que queria e estava decidida a conseguir alcançar uma posição na sociedade inexpugnável, com constantes convites para ir à Marlborough House e, claro, a certeza de que festa nenhuma teria sucesso a não ser que ela estivesse presente.

Então, encontrara o marquês de Chalé, que tinha virado seu pequeno mundo de cabeça para baixo.

— Eu acho que isso é amor! — dissera Lucy a si mesma, incrédula, a princípio.

Quando o marquês provara que era mais esquivo do que ela havia sido até então, Lucy compreendera que o gelo estava se derretendo e tivera uma sensação frustrante.

Mas tinha vencido! Tinha vencido! Agora o marquês estava atrás dela, e o primeiro grande passo fora dado quando ele dissera que ia dar uma festa em Chalé, para ela.

Sim, claro que ela já estivera lá antes.

Alice, a mãe do marquês, era uma velha amiga que garantia o sucesso de suas festas convidando homens distintos, ricos, famosos, e as mais lindas mulheres da Inglaterra como entretenimento.

A mistura era suficiente para assegurar, a quem quer que fosse convidado para ir a Chalé, que devia considerar o fato como um privilégio, à parte o fato de que a casa, em si, já era algo fantástico.

Era enorme, confortável e fazia os convidados sentirem-se como se estivessem no Palácio do Sonho, onde uns cem gênios estariam esperando para lhes satisfazer os máximos e mínimos desejos.

— Como é que você faz para tudo correr tão maravilhosamente, Alice? — perguntara certa vez lady Wymonde para a marquesa. Ela havia rido.

— Vou responder em duas palavras, Lucy. Organização e dinheiro! Esse era um tipo de resposta que em geral provocava gargalhadas, e Lucy pensara, então, que daria qualquer coisa no mundo para ser castelã de Chalé.

Não havia a menor possibilidade de tal coisa acontecer, a menos que George sofresse um acidente fatal ou tivesse um ataque de apoplexia por tomar vinho do Porto em demasia.

Assim mesmo, disse Lucy a si mesma, ia ser difícil fazer o marquês se casar com ela.

De uma coisa Lucy tinha absoluta certeza: ele não era o tipo de homem para casamento, se bem que cedo ou tarde tivesse que se casar, a fim de ter um filho e um herdeiro.

Aí estava uma coisa que Lucy não pretendia dar a ele, se bem que talvez se dignasse a fazer um esforço, caso se tratasse de casamento.

Depois que nascera Rupert, o herdeiro do título de que George tanto se orgulhava, Lucy havia dito:

— Nunca mais!

— Eu acho que é importante para nós termos mais de um filho — dissera George.

— Importante ou não — retrucara Lucy —, não tenho a intenção de estragar meu corpo.

Ela compreendera que George ficara desapontado. A primeira esposa dele, que falecera cinco anos antes de se casasse de novo, não pudera ter filhos.

Lucy dissera a si mesma que tinha cumprido o seu dever e que homem algum poderia pedir mais, principalmente quando a esposa era uma beleza como ela.

É claro que o marquês poderia querer um herdeiro. Que homem não gostaria de ter um filho que fosse a sua continuação?

Lucy determinara-se a não pensar nesse casamento durante muito, mas muito tempo mesmo, a não ser que ela fosse a noiva.

Nós vamos ser muito felizes!, pensara, tentando sentir-se mais segura.

Quando se olhara ao espelho tivera que admitir que homem algum poderia pretender pessoa mais linda ou mais radiante do que ela naqueles momentos.

O amor lhe dera uma nova luz. Parecia até ter lhe suavizado o olhar, os traços do rosto.

Ela sempre representara o ideal dos ingleses da alta sociedade. Seus cabelos tinham o tom roubado do milho maduro; os olhos eram do azul de um céu de verão; a pele era muito branca. Havia um leve toque de rosa nas faces de Lucy, enquanto os lábios, como dúzias de homens lhe haviam dito, tinham sido feitos para beijos.

— Eu sou linda, linda! — dissera Lucy ao acordar, naquela manhã. — Quando eu estiver com o marquês de Chalé a última barreira entre nós vai cair e eu vou tê-lo como queria... a meus pés!

Olhara-se de relance no espelho que a refletira quando se sentara, encostando-se bem para trás, no enorme travesseiro com franja de rendas e fitas, no amplo leito que ficava no grande quarto com janelas que davam para o Hyde Park.

— Eu amo você!

Pudera até ouvir o marquês dizendo essas palavras em sua voz profunda, que tinha o poder de emocioná-la mesmo quando falava das coisas mais banais.

Quando se levantara e se vestira, com a ajuda de duas criadas de quarto, sentira-se como que se movimentando acompanhada por música.

E agora George viera estragar tudo.

Estava furiosa não só por ter que levar mais uma pessoa à festa de Chalé, mas também por saber que se tratava de uma jovem piorava muito a coisa.

Não que se tratasse de pensar nela como uma rival. Não era isso o que Lucy temia. Era o fato de que Ina iria ficar completamente deslocada no que ia ser a festa "dela".

E George, que no momento estava dando toda a sua atenção para a atraente sra. Marshall, que Lucy havia escolhido especialmente para ele, devia estar querendo se livrar da sobrinha porque ela era muito "família".

Lucy tinha vontade de berrar o aborrecimento que a atitude dele estava lhe causando.

Então, lembrou-se de que aquela não era a melhor maneira de lidar com George.

Com esforço, obrigou-se a atravessar o quarto, aproximando-se dele, pegou as lapelas do paletó do marido, com suavidade, dirigindo-lhe o mais ansioso olhar.

— Por favor, George, vamos decidir o caso de sua sobrinha de outro jeito — pediu. — Você sabe quanto estou ansiosa por ir a essa festa em Chalé, onde vão estar os meus mais queridos amigos. Uma mocinha não iria se sentir bem lá.

Como ela costumava ficar adorável quando implorava alguma coisa, algo na expressão dos olhos do marido fez Lucy pensar que ele ia acabar cedendo. Então, ele disse:

— Quando estivermos em Chalé você vai ficar muito ocupada com seu novo admirador. Por que não diz a ele que convide alguém jovem, para fazer companhia a Ina?

Agora havia na voz de George uma nota que revelou a Lucy que ele estava com ciúme e que ela havia sido bastante tonta em não imaginar que aquilo poderia acontecer, por se tratar do marquês.

Ela sabia que George havia tolerado, até com uma espécie de divertimento, os homens que estavam evidentemente interessados nela, mas que Lucy sempre soubera manter à distância.

Nunca imaginara que seu marido fosse sensível o bastante para perceber que com o marquês era diferente.

Agora sabia que o havia subestimado e compreendia que precisava ser muito cuidadosa para não o irritar a ponto de George pôr dificuldades à determinação dela de ficar a sós com o marquês ou mesmo até de vê-lo.

Lembrou-se, um tanto aflita, de que George sempre fora muito intolerante com os *affaires de coeur* em que praticamente todas as suas amigas estavam profundamente mergulhadas.

— Eu acho indigno até mesmo falar nisso, se você quer saber! — dissera ele certa vez.

Uma outra vez, quando se comentou no clube o escândalo dado pela esposa de um dos melhores amigos dele, George dissera:

— Se ela fosse minha mulher, eu lhe daria uma surra danada, levava-a para o interior e a deixava por lá!

Lucy havia rido.

— Fala como um homem das cavernas, George! Está fora de moda ser assim tão primitivo.

— Um homem tem que proteger seu bom nome — respondera George.

Olhando para ela agora, disse:

— Eu não vou dizer mais nada, Lucy. Vamos dar um jeito de Ina ir a Chalé conosco ou vamos para a casa, todos. O campo é lindo nesta época do ano.

Lucy compreendeu, quando ele falou, que George se referia à casa deles em Sussex, que ficara parcialmente fechada durante aquela temporada.

Sempre soubera que George não gostava de Londres, a não ser pelo fato de poder se encontrar com os amigos no clube ou assistir às corridas de cavalos em Tattersals.

Ele sempre parecia aborrecido quando chegava a ocasião de abrir a casa em Park Lane e trazer a maior parte dos criados do interior, para aumentar suficientemente a pequena equipe que ficava em Londres durante a temporada de caça.

Para Lucy, Londres era o paraíso na terra, e quando se encontrava em Sussex tinha a impressão de estar perdendo minutos, horas e dias preciosos, porque lá havia poucos homens para lhe admirar a beleza.

Além disso, Lucy sabia que bons dias de caça a uma centena de faisões eram mais atraentes do que ela para aqueles homens. Ela seria a mais boba das mulheres se não percebesse o sinal de perigo na atitude de George! Disse, depressa:

— Se é tão importante para você, querido, é claro que Ina vai a Chalé. Tenho certeza que você vai saber cuidar dela e fazer com que não se sinta deslocada.

Viu a surpresa nos olhos do marido por ela ter se tornado tão dócil e deu-lhe um sorriso que qualquer de seus admiradores descreveria como "o sol aparecendo entre as pesadas nuvens de um dia escuro".

— Acho que agora você está sendo sensata — disse lorde Wymonde, um tanto sombriamente.

Passou os braços pela cintura da esposa, ergueu-a e beijou-lhe a face.

Com esforço, Lucy impediu-se de dizer a George que tomasse cuidado para não lhe amarrotar o vestido. Depois de alguns segundos, deu mais um passo em direção da sua meta.

— Bem que você podia tomar as providências para ir buscar a menina — disse. — Ah! Acho que precisamos pensar em arranjar-lhe roupas convenientes para a ocasião, a não ser que ela seja do meu tamanho.

Enquanto falava, Lucy pensava nos armários cheios de roupas que ficavam no segundo andar.

De vez em quando ela costumava mandar uma boa quantidade de roupas para os parentes pobres, que assim recebiam uma parte, às vezes um baú cheio, dos vestidos que Lucy descartava.

Todos escreviam cartas entusiasmadas de agradecimento, o que fazia com que Lucy se sentisse muito caridosa.

Nunca lhe passara pela cabeça, por um momento sequer, que as primas que ela tratava com tanta condescendência tinham cada qual seu gosto, eram mais velhas ou moravam nos descampados de Gales.

Elas usavam pouquíssimo, ou jamais usavam, os vestidos de baile finíssimos, de corte longo, bordados com pedrarias, ou as criações elegantíssimas desenhadas especialmente para os olhos de Ascot e que por terem sido vistas uma vez não podiam ser usadas de novo.

Achando que o problema estava resolvido, Lucy foi para sua escrivaninha e sentou-se a fim de escrever uma carta para o marquês.

Numa gaveta secreta, da qual somente ela tinha a chave, jaziam numerosas cartas escritas para ela no decorrer de anos; algumas implorantes, outras amargas e acusadoras, mas infelizmente havia pouquíssimas do marquês.

Sentiu vontade de pegar as cartas do marquês, de ler todas de novo. Ao fazê-lo, percebeu que ele não havia dito nas cartas nada que George pudesse ler com desconfiança ou que despertasse suspeitas de qualquer outra pessoa interessada nelas.

Por um momento ficou como se tivesse recebido um choque.

Então, lembrou que o marquês não havia escrito para ela desde que haviam trocado aquele longo beijo que deixara ambos um tanto ofegantes e tinha feito o coração de Lucy pular dentro do peito.

— Ele me ama e vai me amar muito mais antes de eu terminar minha jogada! — disse a si mesma, sentindo-se mais segura e começando a escrever a carta.

O marquês recebeu-a na manhã seguinte, à mesa do café.

Notou vagamente, e sem muito interesse, que o papel de cartas de Lucy era fino, cor de creme claríssimo, com o brasão dos Wymonde gravado acima do endereço, que a caligrafia dela era muito elegante e as iniciais bem desenhadas.

O marquês leu a carta, terminou o café e subiu para o primeiro andar, indo para a suíte da mãe.

Havia a enorme mansão de Dower esperando pela marquesa, quando seu filho casasse e ela assumisse a simples posição de sra. de Chalé.

Ela sempre dissera que adoraria morar numa casa pequena, que lhe desse menos responsabilidades.

No entanto, isso não era verdade.

A marquesa jamais gostara da idéia de ser relegada à posição de senhora, simplesmente. Tendo reinado como uma rainha, mais, ainda, como uma imperatriz, no reino que era o magnífico Palácio de Chalé, não tinha o menor desejo de se retirar.

E havia mais: como Lucy, a marquesa queria permanecer jovem, e mais ou menos pelos mesmos motivos.

Alice Chalé também tinha sido uma beleza em sua juventude, mas, ao contrário de Lucy, era morena, com traços perfeitos, e seus profundos olhos

negros davam-lhe um ar de mistério que a rainha Victoria achava um tanto repreensível.

Até então caminhara pela vida com uma majestade que ignorava totalmente qualquer crítica e que fazia as pessoas das quais não gostava se sentirem humildes seres inferiores.

Os homens achavam-na irresistível, e a jovem marquesa de Chalé quebrara muitos corações ao seu redor, despertando inveja, ódio e malícia no peito de suas contemporâneas.

Foi apenas quando o marquês morreu e sua posição na corte deixou de ser tão importante quanto tinham sido, que ela percebeu que estava envelhecendo e que já não tinha o amplo círculo de admiradores que tivera no passado.

Eles se haviam dispersado, pela idade, pelo casamento e, se bem que a marquesa não quisesse admitir isso, porque preferiam cortejar mulheres mais jovens.

Era óbvio que isso tinha sido antes de ela fazer sua escolha entre dúzias de apaixonados. Àquela altura, a marquesa já não teria problema de escolha, caso precisasse escolher entre os poucos admiradores. Estes tinham gradualmente desaparecido em confronto com o homem que estava preparado para oferecer devoção e uma vida bastante confortável a ela.

O marquês pensava neles como as "feras domadas" de sua mãe e tratava de tolerá-los, já que isso a fazia feliz.

Para ele era como se sua mãe tivesse um cão perdigueiro ou um king charles spaniel.

Ele achava que o impacto causado por esses cavalheiros às pessoas que iam a Chalé era menor do que o provocado pelos cães de caça, que andavam sempre junto de seus calcanhares.

O "cachorrinho de estimação" do momento, que fazia companhia à marquesa sempre que ela queria, era Harry Trevelyn.

Homem de uns quarenta anos, durante toda a vida havia sido um agregado dos ricos, retribuindo a aceitação sendo um quase perfeito convidado que fazia tudo o que se pedisse. Dançava bem, jogava bridge com perfeição, era um ótimo parceiro em bilhar e sabia ser sempre muito agradável, quer com a mais aborrecida viúva rica ou com a mulher mais simples do mundo.

Trevelyn sempre tinha sobre o que conversar, era uma pessoa confiável e jamais deixara que a marquesa esquecesse que era linda. E, como ela estava determinada a continuar linda, mesmo que apenas para os olhos de Harry, cuidava muito de si.

Era por isso que ela jamais aparecia, em Chalé ou em qualquer outras das propriedades de seu filho, antes que, como dizia, "o dia já estivesse morrendo".

Ao final do crepúsculo, vestida de modo refinado e caro, os cabelos penteados por sua camareira, o rosto valorizado por uma discreta maquilagem, ela descia a escada, parecendo ter saído de um daqueles retratos que podiam ser vistos em todas as salas em que seu marido gostava de ficar, quando era vivo.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

